



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13545 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

**PENAS EM MÃOS DE MULHERES: A PRODUÇÃO DA ESCRITA NO CENTRO ESPÍRITA, NO ALTO SERTÃO BAIANO (1905-1930)**

Joseni Pereira Meira Reis - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Mônica Yumi Jinzenji - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: UNEB

**PENAS EM MÃOS DE MULHERES: A PRODUÇÃO DA ESCRITA NO CENTRO ESPÍRITA, NO ALTO SERTÃO BAIANO (1905-1930)**

Este trabalho tem como objetivo mapear as funções desempenhadas pelas mulheres, no Centro Psíquico de Caetité - Bahia, no período entre 1905-1930, com destaque para as práticas da escrita. O estudo vincula-se ao campo da História da Cultura Escrita, da História da Educação e da História das Mulheres e insere-se nas novas propostas teórico-metodológicas que têm como referência os estudos da História Cultural. São analisadas as atas de reuniões, correspondências, livros e jornais que se encontram no arquivo do Centro Espírita e identificamos a participação de mulheres, principalmente, na escrita e cópia de atas, na escrita de materiais psicografados, na redação de matérias para o jornal Lux, vinculado ao Centro, e várias correspondências cotidianas. Apesar de a maioria das mulheres participantes das práticas escritas constituírem a camada média e a elite econômica de Caetité, percebemos a presença de mulheres pouco letradas nesse conjunto, indicando a ampla participação feminina no cotidiano de uma instância educativa não escolar.

**Palavras-chave:** Práticas de escrita, Mulheres, Espiritismo, Alto Sertão baiano

O trabalho <sup>[1]</sup> visou mapear as funções desempenhadas por mulheres no Centro Psychico <sup>[2]</sup> de Caetité <sup>[3]</sup> - Bahia, no período entre 1905-1930, tendo como foco as práticas da escrita realizadas por elas. A partir da problematização das fontes documentais, buscamos identificar de que maneira uma doutrina religiosa, o Espiritismo <sup>[4]</sup>, que surgiu em Caetité a partir de um grupo restrito de homens brancos, pertencentes à elite política, econômica e cultural da cidade, cuja dinâmica de funcionamento se baseava na ampla produção e circulação do escrito, possibilitou a participação de mulheres? Assim, interessa-nos saber: como se deu essa participação? O Espiritismo já estava presente no contexto familiar das mulheres? Que funções elas realizavam no Centro? Quais eram as práticas de escritas por elas realizadas?

O estudo vincula-se ao campo da História da Cultura Escrita, História da Educação e História das Mulheres e insere-se nas novas propostas teórico-metodológicas que têm como referência os estudos da História Cultural, pautada em autores como Chartier (2001, 2002) e Galvão (2008 e 2010). Os estudos sobre cultura escrita no Brasil ainda são relativamente recentes; e “trata-se, portanto, de temática e metodologia de pesquisa pouco estudada/utilizada no campo da História da Educação” (GALVÃO, 2008, p. 12). O conceito de “cultura escrita” é utilizado na perspectiva de Galvão (2010) e refere-se aos lugares que o escrito ocupa em determinada sociedade, sendo que esses lugares não são os mesmos para os diferentes sujeitos e grupos que vivem em um espaço e tempo definidos. Torna-se necessário considerar que existem formas de se relacionar com o escrito que são consideradas legítimas em determinadas culturas e que não são valorizadas em outras.

O período investigado compreende os anos de 1905, ano da fundação, e 1930 período de estruturação e consolidação do centro psíquico na cidade. Na realização do estudo, utilizamos como fontes livros, atas de reuniões, cartas e jornais que se encontram no arquivo do Centro Espírita Aristides Spínola, em Caetité, e na biblioteca desse Centro.

Historicamente, os registros da participação das mulheres em espaços fora do âmbito doméstico foram desconsiderados, de certo modo, vistos como insignificantes, como destacam os estudos de Perrot (2005). Fundamentada na historiografia da Nova Escola dos Annales, a pesquisadora comenta que um dos maiores desafios em realizar uma história das mulheres “deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados” (PERROT, 2005, p. 29). Nesse contexto, a autora endossa a observação de Simone de Beauvoir de que “a história no geral, e especificamente a história das mulheres, foi predominantemente elaborada pelos homens” (PERROT, 2005, p. 14).

Com relação à produção da escrita numa instância religiosa, Galvão aponta para uma “quase ausência de estudos sobre igrejas como instâncias de difusão do escrito” (GALVÃO, 2010, p. 231) e que, no nosso caso, especificamente, com relação a participação de mulheres como protagonistas da produção escrita. Estudos com o de Brito (2013) e Veronese (2017) contribuem para entendermos os motivos que levaram os centros a silenciarem as vozes

femininas, sobretudo, considerando que elas tiveram uma atuação relevante na instituição.

Arribas (2019) ressalta que essas distinções reverberam na divisão sexual do trabalho espírita, especialmente nos centros, que são “espaços privilegiados da produção e reprodução do ethos espírita” (ARRIBAS, 2019, p.101). Assim, a autora destaca a diferenciação das funções nos centros, em que os “Trabalhos intelectuais e cargos administrativos tendem a ser exercidos em sua maioria por homens, enquanto a evangelização de crianças e jovens, os trabalhos nas cantinas, livrarias, secretaria, limpeza e acolhimento têm uma presença feminina marcante” (ARRIBAS, 2019, p.101).

Em Caetité, identificamos que as mulheres estavam envolvidas em diferentes atividades na instância religiosa, que iam desde os trabalhos de manutenção ou limpeza à produção dos trabalhos de leitura e escrita, embora nem sempre fossem visibilizadas: médium, zeladora, segunda secretária e bibliotecária.

Zeladora era (e ainda é) um dos cargos que compõem a direção do Centro. Apenas no primeiro ano de funcionamento, em 1906, o cargo foi ocupado por um homem, sendo posteriormente ocupado por mulheres. Segundo o dicionário Aulete (2011, p.1440), zelador, numa dimensão religiosa, diz-se do “administrador de congregação assistencial”, relacionado a organizações religiosas que prestam assistência ou fazem caridade. Explicitamente, a função vincula-se às dimensões do cuidar, zelar, limpar, arrumar, conservar, entre outros afazeres, que remetem ao âmbito do doméstico, logo, associadas tradicionalmente às obrigações da mulher. Vale lembrar que essas mulheres sabiam ler e escrever, portanto, em casos de necessidade, a zeladora também cumpria outras funções, como foi o caso registrado em ata: “Eu Anna Gumes zeladora servindo de secretaria a escrevi” (ATA,11/04/1911).

Algumas mulheres se destacaram também na função de médium. Havia orientação do diretor para que fosse testada, desde as primeiras sessões, o nível de mediunidade das participantes, como foi, por exemplo, o caso de D. Bernardina, que, na primeira visita feita ao Centro, “durante a sessão prática teve as mãos presas hipnoticamente durante o tempo em ocorreu os trabalhos practicos. Nessa mesma sessão o guia fez uma consulta mental a D. Priscilla que também respondeu satisfatoriamente” (ATA, 06/03/1906). A escrita mediúnica podia variar quanto ao tamanho, quantidade de folhas, forma e pode ser completamente ou apenas uma parte legível e compreensível. Para sua produção, exige-se a preparação e organização do ambiente, especialmente com a disposição de materiais de escrita (folhas de papel em branco e penas). Os médiuns são os responsáveis por sua produção, por serem capazes de receber e escrever mensagens enviadas por espíritos desencarnados. As mensagens e os textos provenientes desse processo são resultado da ação conjunta de médiuns e dos espíritos que encaminham mensagens de cunho religioso ou de edificação moral (SOARES, 2016).

O cargo de bibliotecária foi outra função desempenhada por mulheres. A biblioteca do Centro foi criada em 1919, sendo seu acervo, formado por meio da colaboração de

frequentadores e fundadores do Centro. O cargo de bibliotecária passou a compor a direção do Centro somente em 1928 (REIS, 2018).

No Centro Psychico, a escrita de atas constituía a elaboração de um documento oficial, que se destinava a registrar os fatos e discussões relevantes que aconteciam durante as sessões ordinárias, as conferências públicas e as sessões comemorativas. A ata constituía uma atribuição do secretário, e na maioria das atas, consta apenas a assinatura do secretário e do diretor. A caligrafia de quem redigiu nem sempre correspondia à caligrafia de quem assinou como secretário, o que nos leva a inferir que outra pessoa costumava fazer a escrita final da ata no livro. Diante disso, é possível pensar que as zeladoras foram, também, as responsáveis por essa redação, conforme já explicitado. Assim, acreditamos que as mulheres estiveram envolvidas na transcrição dos rascunhos das reuniões nos livros de atas ou na conhecida prática de “passar a limpo” como denominou Lewgoy (2000).

A escrita jornalística refere-se aos textos que foram publicados no jornal espírita [\[5\]](#) Lux, que era um órgão do Centro Psychico de Caetité. O impresso funcionava como meio de divulgar e propagar a Doutrina Espírita em Caetité e região. D. Mariquinhas foi a única mulher que pudemos identificar, como parte do grupo de redatores. Deve-se considerar, entretanto, que outras adeptas da doutrina também podem ter escrito para o jornal, mas mantiveram o anonimato, utilizando-se de pseudônimo ou apenas as iniciais do nome, visto que na época essa era uma prática comum. Os princípios da Doutrina Espírita foram os temas abordados por Mariquinhas nos seus escritos publicados no jornal.

Em síntese, quatro mulheres, Priscila Spínola, Mariquinhas Neves, Marieta Neves Lobão e Eponina Gumes tiveram atuação de maior destaque nas atividades do Centro. Entre os elementos que as aproximam estão o pertencimento étnico, pois todas são brancas e algumas possuíam olhos claros. Trata-se de mulheres provenientes das camadas médias, sendo Priscila, descendente de uma família de elevado poder econômico e prestígio político na região alto-sertaneja. Eram, também, detentoras de capital cultural e social, visto que os pais desenvolviam mais de uma função que exigia algum nível de domínio da leitura e escrita, e suas famílias frequentavam diferentes espaços em torno da sociabilidade da cultura escrita. Assim, podemos afirmar que todas possuíam contato com a leitura e escrita no ambiente doméstico, sobretudo, porque todas elas tinham algum parente próximo que era professor(a) ou desempenhava funções vinculadas à escrita e todas formaram-se professoras primárias pela Escola Normal de Caetité.

É interessante observar, que são mulheres pertencentes a diferentes gerações que se formaram pela Escola Normal de Caetité e atuaram como professoras, à exceção de Marieta. Até mesmo na dimensão da vida pessoal, existem elementos comuns na vida dessas mulheres. Duas delas, que são mãe e filha (Mariquinhas e Marieta), se casaram e constituíram família, enquanto as outras duas (Priscila e Eponina) não se casaram, mas se dedicaram à criação e educação de sobrinhos, além de terem criado crianças órfãs. Todas veem de famílias que já possuíam algum de seus membros adepto do Espiritismo, como, por exemplo, Priscila

Spínola, cujo irmão, Aristides Spínola, era vice-presidente da Federação Espírita Brasileira e um dos fundadores do centro em Caetité.

Pode-se dizer que a escrita produzida no/pelo Centro Psychico também atendeu às demandas da dimensão cotidiana, registrou cenas ordinárias do “fazer e do viver” (CERTEAU, 2001) do grupo, da comunidade local, regional e, especialmente, da dimensão familiar com ênfase na figura da mulher. Assim, além de cumprir os objetivos aos quais se destinavam esses saberes, buscava, sobretudo, difundir o proselitismo religioso, reforçando os laços de pertencimento do grupo e visava, sobretudo, conquistar novos adeptos para a doutrina.

O estudo evidenciou aspectos da história da cultura escrita na sua relação com a história das mulheres, mostrando como no Centro Psychico de Caetité, elas estiveram envolvidas na produção de escritos. Vale ressaltar que, além de mulheres da elite, identificamos a participação de outras mulheres com pouco ou nenhum domínio da escrita, como foi, por exemplo, o caso de Rosa Silva.

## REFERÊNCIAS

ARRIBAS, C. da Graça. O sexo dos espíritos: gênero e sexualidade no espiritismo. *Revista USP*, São Paulo, n. 121, p. 97-108, abril/maio/junho 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/157776> Acesso em 10/09/2021

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete**. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa, Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BRITO, Clovis Carvalho. Do século XIX ao século XXI: as mulheres ou os “silêncios da história” do Espiritismo na cidade de Goiás, *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 17-38, jan./mar. 2013.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das Culturas do Escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. (orgs.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico entre cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista**. Tese (Doutorado), Pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

REIS, Joseni Pereira Meira. **Letramentos e numa instância religiosa: o caso do Centro Psychico de Caetité, Bahia (1905-1930)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOARES, Ana Lorym. **O livro como missão: a psicografia como prática letrada a partir da coleção A vida no mundo espiritual (1944-1968)**. Tese (Doutorado), 218f. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VERONESE, Michelle Marinho. **De silêncios e resistências: sonâmbulas, magnetizadoras e outras esquecidas do espiritismo brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20114>

---

[1] É resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido durante a licença sabática em 2021, realizada na FaE-UFMG.

[2] Em 1926, o centro passou a ser denominado Aristides Spínola em homenagem ao fundador e presidente honorário falecido.

[3] A cidade situa-se na região Sudoeste da Bahia e fica a 637Km da capital, e Salvador.

[4] Doutrina sistematizada por Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido como Allan Kardec (1804-1869), que nasceu em Lyon – França – e morreu em Paris.

[5] Era uma publicação Centro Psychico de Caetité, circulou de 1913-1933 com algumas interrupções.